

TEOLOGIA
SISTEMÁTICA
RICHARD J. STURZ

Posfácio



Richard J. Sturz & Ruth Marie Sturz

Dr. Richard Julius Sturz: um gigante da teologia latino-americana e brasileira

por Dr. Lourenço Stelio Rega

No dia 22 de julho de 1924, Deus nos deu de presente Richard Julius Sturz, esse magnífico e inesquecível mestre que nasceu na cidade de San Diego, no Estado da Califórnia, Estados Unidos da América do Norte. Filho de Julius Louis Sturz, nascido em Ostheim, Alemanha (01/10/1883), e de Haral Crandall, também de San Diego (26/06/1893).

Prof. Sturz, como sempre foi conhecido pelos seus alunos, casou-se com a jovem secretária da Missão Conservadora, Ruth Marie (aos amigos ele confessava que necessitava de uma boa secretária, e Ruth era a melhor secretária que ele conhecia), em 8 de agosto de 1952, em Muscatine, Estado de Iowa, cidade natal dela. Casamento que durou por quase 57 anos. Em 1955, em São Luiz do Maranhão, nasceu Roberta Kaye Sturz, a primeira e única filha do casal. Em 1965 nasceu Richard Julius Sturz Jr., seu único filho homem (adotado), na cidade de Los Angeles, Estado da Califórnia.

Sua filha, Roberta, casou-se com Roy Leslie Reed, que deram ao casal Richard e Ruth as netas: Aubrey Gayle Reed e Alexandra Kaye Reed. O filho Richard Júnior casou-se com a jovem brasileira Mirian Mazimo Sturz e deram ao casal o neto Eric Julius Sturz.

Em sua carreira acadêmica, destacam-se as seguintes formações: em 1945, formou-se Bacharel em Artes (B.A.), no Westmont College, em Santa Barbara, Califórnia, e, em 1948, Mestre em Divindades (M.Div.) pelo Eastern Baptist Theological Seminary, na cidade de Philadelphia; em 1959, obteve o título de Mestre em Teologia (ThM) pelo Fuller Theological Seminary, em Pasadena, Califórnia; em 1994, recebeu o merecido título de Doutor em Divindades (D.D.) pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Ele atuou no Brasil como missionário da Missão Batista Conservadora. Chegou à nossa terra no ano de 1949, ainda solteiro, e instalou-se na cidade de Floriano, interior do Estado do Piauí. Optou por morar com o povo daquela cidade para aprender não apenas o idioma, mas também a cultura brasileira. Com um pouco mais de um ano no Brasil, contraiu malária, o que quase lhe custou a vida.

Voltou aos Estados Unidos para casar-se com Ruth e, já casado, retornou ao Brasil, permanecendo seis meses na cidade de Campinas, SP, onde Ruth aprendeu nosso idioma. Terminado esse tempo, o casal rumou para o interior do Piauí, onde atuou amplamente na evangelização daquela região, tendo inclusive andado de jégué para vencer as longas distâncias. Nesse período, já sentindo o toque de Deus para as áreas de ensino e capacitação de obreiros, o prof. Sturz participou da fundação do Instituto Bíblico de Floriano, que, mais tarde, nas mãos de outro colega da Missão, Dr. Dewey Mulholland, foi transferido para Brasília transformando-se na Faculdade Teológica Batista de Brasília.

Depois de oito anos servindo a Deus junto ao povo nordestino, sentiu um chamado para trabalhar na área de literatura. Assim, ele e sua família foram para a cidade do Rio de Janeiro, e permaneceram ali de 1957 a 1965. Nesse período, Sturz fundou o Conselho de Literatura Evangélica Brasileira (CLEB), do qual se tornou presidente. Também no Rio de Janeiro foi membro da Igreja Batista do Itacurussá, onde cultivou uma grande amizade com o pastor Hécio da Silva Lessa, que curiosamente faleceu no mesmo dia em que ele faleceu.

De tempos em tempos, ele e a família tinham de voltar aos Estados Unidos para que pudessem desfrutar de um período chamado pelos missionários de *furlough* (licença). Em toda a sua estada no Brasil, foram nove períodos de *furloughs*. Em 1965, após um desses períodos, regressou ao Brasil em 1967, mas agora se instalou na capital paulista, tendo recebido convite da Faculdade Teológica Batista de São Paulo para trabalhar integralmente como professor de teologia. Ali serviu com paixão à Teológica (como é conhecida a Faculdade) até o ano de 1991. Como testemunha seu filho, Richard Jr., foi em São Paulo, na Teológica, que ele encontrou finalmente a paixão de sua vida ministerial — o ensino.

O prof. Sturz tinha tanta convicção de seu ministério no Brasil que interrompeu os estudos para a obtenção de seu PhD (Doutorado) nos Estados Unidos por receio

de que seus filhos acabassem se fixando lá, o que lhe impediria de voltar ao Brasil. Embora tenha iniciado seu projeto de doutorado na USC e prosseguido com ele na Claremont University Center, teve de abandoná-lo no verão de 1967, pois optou por voltar ao Brasil e iniciar seu ministério junto à Teológica. Mais tarde, ainda tentou novamente iniciar seu Doutorado (D.Min.) no Denver CB Seminary, mas teve de abandoná-lo em 1983.

Na Teológica, ele foi professor de diversas disciplinas, mas o que ficou marcado mesmo foi a sua atuação em teologia sistemática, teologia contemporânea e teologia bíblica do Novo Testamento. Também exerceu as funções de bibliotecário, coordenador do Programa de Mestrado em Teologia e professor titular da área histórico-sistemática. Em seu curriculum vitae, ele mesmo mencionava que a tônica de seu ensino era o tema da contextualização e da relevância num encontro da eterna verdade com o cenário global da época.

Durante alguns de seus períodos de *furlough*, teve a oportunidade de ministrar no Denver Conservative Baptist Seminary os seguintes cursos: Implicações da teologia para hoje e Teologia da libertação (1978-1979). Em 1984, ministrou um módulo de Teologia da libertação no Western Conservative Baptist Seminary. Em 1988, também ministrou um módulo sobre catolicismo romano no Brasil no programa de doutorado do Trinity Evangelical Divinity School.

Reconhecidamente, foi considerado pelo povo brasileiro um teólogo, no mais puro sentido da palavra, e também uma autoridade na teologia latino-americana, especialmente brasileira.

Foi também consultor teológico da tradução em português brasileiro da Nova Versão Internacional da Bíblia (NVI). Também pertenceu ao Conselho Editorial e à Diretoria de Edições Vida Nova.

Nas palavras do Dr. Werner Kaschel que foi diretor da Teológica no período em que ele estava na casa (Sturz também alcançou o período do Dr. Thurmon Earl Bryant e Dr. Arthur Alberto de Mota Gonçalves na direção): “as turmas que passaram pelas suas mãos com certeza lhe agradecerão pelo fato de ele ter-lhes ensinado a pensar, decidindo cada um por si mesmo, o que lhe parece ser o sentido da revolução da vida cristã [...]. Na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Sturz também teve uma influência decisiva na determinação da filosofia de educação ministerial da instituição e na preparação de um currículo adaptável às necessidades de cada aluno em particular.”

Quando estava partindo de volta para a sua terra, a fim de aproveitar sua aposentadoria, eu lhe fiz a seguinte pergunta: “Qual a importância da teologia para nossas igrejas e pastores?”, ao que ele prontamente respondeu: “Infelizmente há quem pense que a teologia é algo só de livros e que nada tem a ver com a vida real. É preciso que coloquemos novamente a teologia na vida. Em tudo o que fazemos há teologia. Mas há diferença entre um pedreiro que faz teologia usando o subconsciente e quem faz teologia usando os recursos bíblicos. É preciso também resgatar a teologia, colocando-a diante do povo como sendo algo que todo mundo faz, mas precisamos fazê-la de uma maneira mais bíblica.”

Prof. Sturz não publicou muitos livros, dedicando-se mais às aulas e aos seus alunos. Mesmo assim, inúmeros artigos escritos por ele foram publicados em livros teológicos e revistas especializadas no Brasil. Os livros que publicou são:

Colossians: translation and commentary. Chicago: Moody Press, 1955. [Publicado no Brasil por Missão Batista Conservadora sob o título *Colossenses o Cristo — tradução e comentário* (1957)]

Teologia da libertação — suas raízes, seus proponentes e seu significado hoje (com Harvie Conn). São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

Miqueias — parte do texto do livro Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias — introdução e comentário (Série Cultura Bíblica). São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 152-287.

E agora temos sua obra monumental, uma “opus magnum” sobre teologia sistemática que a Edições Vida Nova publica.

Serviu a Teológica até o ano de 1991, quando se aposentou e voltou com a esposa para os Estados Unidos, tendo falecido no dia 5 de junho de 2009. Nos últimos anos de sua vida, morou na cidade de Aurora, próximo de Denver, no Estado de Colorado, tendo sido diácono e professor de Escola Bíblica Dominical.

Antes de partir para desfrutar de sua aposentadoria, deixou este recado aos pastores: “Que se esforcem para distinguir entre o urgente e o que precisa ser feito. O urgente rouba o tempo do que precisa ser feito.” Aos professores de teologia o recado foi para que levassem seus alunos a trabalhar com criatividade — no intuito de torná-los capazes de pensar e não só escutar. Aos alunos lançou o desafio de que aproveitassem o tempo, programando-se para fazer o curso em tempo suficiente para poderem entender as matérias, pesquisar e pensar com criatividade.

Na despedida de Sturz, Dr. Werner Kaschel mencionou que ele estava nos deixando, mas que a sua vida “estaria se multiplicando e se eternizando na vida de seus alunos.”

A sua dedicação à disciplina de teologia sistemática era tamanha a ponto de seus alunos e ex-alunos sempre exigirem dele que escrevesse um compêndio de teologia sistemática com todas aquelas riquezas que ele apresentava em suas aulas dinâmicas e inquiridoras. Com a publicação deste livro por Edições Vida Nova, somos agora brindados com a concretização deste pedido.

Em vez de ensinar teologia sistemática expondo os conteúdos por meio de preleções, adotava a estratégica maiêutica iniciando sempre a aula com uma pergunta-chave sobre o tema que seria abordado. A partir das respostas dos alunos ele prosseguia com outras indagações “forçando-os” à reflexão e à busca de formarem suas posições pessoais nos conteúdos ensinados. A cada semana, os alunos tinham de preparar “papers” por meio de respostas a questionários que ele mesmo fazia ou que indicava do livro em espanhol intitulado *Decide tu mismo*, de Gordon R. Lewis (original em inglês: *Decide for Yourself: A Theological Workbook — For People Who Are Tired of Being Told What to Believe*). Cheguei a fazer com ele três ou quatro disciplinas num semestre e, então, tinha de apresentar três ou quatro papers semanais. As provas seguiam a mesma estratégia. Quem não havia estudado dia após dia, não tinha como se preparar para

a prova, pois cada resposta era individual e tinha de ser coerente e fundamentada. Sempre havia um grupo seleta de alunos que disputavam décimo por décimo quem seria o melhor. Era muito trabalhosa essa disputa, mas também muito estimulante. Um de seus maiores objetivos era instigar seus alunos, a ponto de despertar neles o desejo por ler os teólogos nas “entrelinhas”. Com maestria ele “desmontava” o pensamento de diversos deles para demonstrar aos alunos porque aqueles autores diziam o que diziam. Ficávamos maravilhados, pois numa primeira leitura dos textos (ele sempre nos instigava a ler os autores antes de seus comentadores) não entendíamos o porquê das conclusões indicadas pelos teólogos, mas após o “desmonte” que ele fazia daqueles mesmos autores tudo se desnudava à nossa frente.

Lembro-me que, em 1975, eu era aluno-assistente na Teológica do Dr. Thurmon Earl Briant (já falecido), que estava naquela época deixando o Brasil. Foi nesse momento que o prof. Sturz imediatamente me convidou para ser seu aluno-assistente. Meu papel era ajudá-lo no lançamento e no cálculo das notas dos colegas. Havia muito trabalho, mas era um privilégio ser seu aluno-assistente. Raríssimas vezes ele faltava às aulas, mas naquela ocasião, em especial, me chamou para dar algumas aulas quando não podia comparecer. Uma das atitudes mais fantásticas dele é que não retinha os esboços de aulas. Permitia que tirássemos cópias.

Formei-me em Teologia em dezembro de 1977, em agosto de 1978 e por indicação dele retornei à Teológica para ser seu professor-assistente — um privilégio ainda maior. Por muitos anos, trabalhamos juntos em dupla, foi um período de extrema aprendizagem, que contribuiu muito para meu trabalho magisterial e até hoje me tem influenciado muito. Sua humildade era tamanha que ele me pedia sugestões na hora de elaborar novos conteúdos. Depois me senti impelido a ajudar a Teológica na área de Ética, quando tive de deixar a parceria.

Lembro-me ainda com saudades do dia em que ele e Ruth desmontaram o seu escritório na Teológica, para voltar aos Estados Unidos em sua aposentadoria. Foi ali que tive a oportunidade de me despedir do casal. De imediato, ele me falou para pegar os livros que eu quisesse, especialmente da área de Ética. Ao sair do seu escritório com uma pilha de livros, lembro-me de ter-lhe perguntado se pensava em vender a sua portentosa cadeira. Imediatamente ele me disse que era minha. Até hoje a guardo e a uso com saudades.

Na convivência com ele tínhamos muitas experiências inusitadas. Por exemplo, havia dias em que ele aparecia com sandálias de couro e meia cor de abóbora cintilante, e isso sem contar o paletó xadrez, a calça listrada e a gravata estampada. Não podemos nos esquecer de sua caneta tinteiro Mont Blanc grossa, implacável para anotar as correções dos trabalhos e provas.

Assim era o prof. Sturz, exigente nas aulas, amigo de sempre, humilde, sempre pronto a ajudar em nosso crescimento. Andar ao seu lado era aprender sempre, não havia como ser diferente. Uma personalidade forte, mas impregnada de integridade a toda prova. Não demonstrava somente conhecimento profundo sobre o que ensinava e

falava, mas incontestável piedade. Sempre me impressionou o seu respeito pela Palavra de Deus, pela igreja e denominação. Tudo isso nos servia e serve de inspiração até hoje.

Consegui alguns depoimentos de seus ex-alunos na Teológica que demonstram de modo mais detalhado quem foi o prof. Sturz:

Prof. Itamir Neves de Souza: Creio que o que marcou a nossa geração foi o fato de ele ensinar seus alunos a pensar, a pesquisar, a ser crítico (positivamente), a não ficar satisfeitos com a primeira ideia que vinha do texto, e principalmente nos ensinou a ler nas entrelinhas. Sem dúvida, ele marcou a minha vida.

Dr. Silas Molochenco: O Prof. Sturz foi um modelo de dedicação aos estudos para mim. Seu esmero teológico levou-me a gostar da teologia e a estudá-la até os dias de hoje. Acabei seguindo a área da Psicologia, mas o interesse pela teologia permanece por causa do seu exemplo de dedicação e esmero.

Pastor e prof. Silas Costa: O prof. Sturz me traz à lembrança um modelo de professor e de didática. Ele era singular. Seu modo de dar as aulas instigando o pensamento dos alunos era de grande importância para o desenvolvimento do raciocínio de seus alunos quanto ao fazer teologia. As leituras, nem sempre fáceis, e depois os debates realizados em sala de aula foram de muita riqueza para o meu desenvolvimento nas três áreas da teologia: bíblica, sistemática e contemporânea. Creio que alguns traços da sua didática são usados por seus alunos, que hoje são professores, ainda que de forma inconsciente.

Psicólogo e pastor Karl Kepler: O professor Sturz era o mais comentado e temido entre nós alunos. Cobrava leituras, era exigente nos trabalhos, nas aulas nos desafiava a argumentar questionando nossos argumentos, para que aprendêssemos a ter conhecimento de causa. Por outro lado, em sua sala, na Biblioteca, sempre nos recebia muito bem, e ficávamos impressionados com sua disposição de conhecer todos os autores, mesmo aqueles que tivessem posições diferentes das suas. Por tudo isso, sentíamos seu amor por seus alunos no zelo pelo bom ensino. Sou agradecido a Deus por ter aprendido com ele.

Psicólogo e pastor Carlos Roberto Barcelos Dias: Certo dia, o prof. Sturz dividiu a classe em duas turmas — uma defenderia a predestinação, outra o livre-arbítrio. Apresentamos as listas no quadro negro. O prof. Sturz derrubou todos os argumentos de um lado, depois os do outro. Inesquecíveis lições de teologia sistemática, lembradas até hoje. Grande conhecimento intelectual e teológico, ajudando-nos a formar nossa base teórica sem descuidar da aplicação prática em nossas vidas e das pessoas que iríamos ensinar. Agradeço a Deus a oportunidade de ter sido seu aluno.

Professor e pastor Valdo Romão: Registro minha gratidão a Deus pela vida do prof. Sturz. Tenho bem presente em minha memória as preciosas aulas dele. Sua contribuição na minha formação teológica foi sem dúvida o despertar para a paixão que tenho hoje pela teologia. Sua vida conjugou o saber teológico e a prática dele.

Pastor Manoel Ramires Filho: Prof. Sturz foi sempre muito rigoroso com os alunos. Fui aluno dele em teologia sistemática, e, devido às suas exigências, posso

dizer que o curso foi de grande proveito. Outra matéria que tive com o prof. Sturz foi história do cristianismo. Realmente não foi fácil ter de entregar um trabalho a cada 15 dias, sobre diferentes subtemas dentro da temática principal, e na semana que não tinha de entregar nenhum trabalho, ele dava pequenas provas. Guardo boas recordações do professor como alguém que levava muito a sério a arte de ensinar, com o foco de levar o aluno a alcançar o máximo de aprendizado.

Tenente Coronel (PM-SP) e pastor Samuel Souza Ribeiro Filho: Prof. Richard Sturz marcou minha vida porque foi um mestre, no sentido exato da palavra. Seu método de ensinar era o de fazer perguntas e de levantar questões que nos faziam pensar muito. Ou seja, para ele, “ensinar era ensinar a pensar”. Não obstante a sua simplicidade como pessoa, era nítida em comparação com sua cultura e sua potencialidade no conhecimento bíblico e teológico. Sabia como levar seus alunos a mergulharem na Palavra de Deus, ensinando-os a desenvolver um senso crítico diante das heresias da época.

Profa. Clarabeti Stolochi de Souza: Quando penso no prof. Sturz, sempre me vem à mente a sua disponibilidade em atender os alunos com alegria e desprendimento. Mesmo nesses momentos, ele nos instigava com suas perguntas, fazendo-nos refletir. Também o que me impressionava, e ainda impressiona, era seu vasto conhecimento da literatura da época. Ele nos citava passagens de livros de cor, dizendo o nome do autor, o ano de livro. Quando nos encontrava na cantina, fazia a maior festa, sentando com a gente e tomando seu lanche. Dava-nos até mesmo a liberdade de “brincar” com a sua roupa, que às vezes era bem inusitada. Tenho saudades daquele tempo.

Dr. Irland Pereira de Azevedo — professor da Teológica e ex-colega do prof. Sturz: Conheci o prof. Richard Sturz desde os idos de 1972, especialmente na Teológica. Sempre o tive como um homem íntegro, sadio na fé, homem de profundo conhecimento de Teologia e, antes e acima disso, das Santas Escrituras. Era um homem capaz de ensinar seus alunos a refletir sobre a fé cristã de modo a poderem oferecer respostas às grandes indagações do espírito humano. Um professor e amigo que deixa saudade.

Fontes escritas das informações:

Husband's Vital Statistics

Sturz' Furloughs

Richard Julius Sturz — Curriculum Vitae

Depoimento de seu filho Richard Julius Sturz Jr.

Artigo publicado em “O Jornal Batista”, do Dr. Artur Alberto de Mota Gonçalves sob o título “Ricardo Sturz regressa aos Estados Unidos” (21/07/1991, p. 4).

Esta obra foi composta por Luciana Di Iorio em Adobe Caslon,
capa dura, miolo em papel Offset 63g/m², impressa pela
Imprensa da Fé em julho de 2012.



Sumário

Prefácio — Lourenço Stelio Rega

Introdução

Por que outra teologia sistemática?

Parte I — Prolegômenos

1. Por onde começamos?
2. Uma noção da tarefa
3. Inspiração da Bíblia
4. As Escrituras e o teólogo
5. Interpretação da fé
6. Tradição e teologia
7. Experiência e teologia
8. O Deus da Bíblia, não dos filósofos
9. Realismo crítico
10. Teologia e dialética
11. Como pensar criticamente
12. Jesus Cristo, a norma da teologia

Parte II — Teologia própria

13. Encontro com Deus
14. O Deus que fala e age
15. Quem é Deus? — Cristologia
16. Quem é Deus? — Trindade I
17. Quem é Deus? — Trindade II

18. Como é Deus? — Atributos
19. Deus como Criador
20. O Deus que age na história
21. Anjos e demônios I
22. Anjos e demônios II
23. O problema do mal natural
24. Deus e o inferno

Parte III — Antropologia

25. Introdução à antropologia bíblica
26. Quem é Jesus de Nazaré?
27. O homem perfeito
28. A origem da humanidade
29. A imagem de Deus: criada e perdida
30. A natureza humana
31. O homem na comunidade
32. O conhecimento de Deus
33. O problema do mal moral
34. Origem e natureza do pecado
35. As consequências do pecado
36. Possessão demoníaca
37. O homem e o universo

Parte IV — Soteriologia

38. Introdução à história da salvação
39. Jesus Cristo, Salvador
40. Deus busca o homem
41. Salvação no tempo
42. Jesus Cristo “morreu por nós”
43. Reconciliação e regeneração
44. A comunidade dos transformados
45. O lugar do homem na redenção
46. O lugar de Maria na redenção
47. Discípulos incontestes
48. Fome de Deus
49. Como conhecer a vontade de Deus
50. Felicidade no Senhor

Parte V — Ecclesiologia

51. Relação entre a Igreja e Israel
52. O que é Igreja?

53. A Igreja é Cristo
54. O Espírito Santo cria a Igreja
55. A igreja como denominação
56. Igreja e Estado
57. Que a Igreja seja Igreja
58. A igreja como comunidade local
59. Organização da igreja local
60. A liderança da igreja local
61. Ética pastoral
62. Batismo e ceia do Senhor
63. Teologia das ofertas
64. Unidade da Igreja

Parte VI — Escatologia

65. Introdução à escatologia
66. O Senhor da história
67. Tempo e história
68. A morte é o destino de todos os homens
69. Vida após a morte
70. A ressurreição
71. O estado intermediário
72. O julgamento
73. Os estados finais dos mortos
74. A interpretação da profecia escatológica
75. Cronologia do fim
76. “Venha o teu reino”
77. A redenção de toda a criação
78. O início da eternidade

Posfácio — Lourenço Stelio Rega



Prefácio

A obra *Teologia Sistemática*, do prof. Richard Julius Sturz, sempre foi esperada por seus ex-alunos e discípulos que, diante das magistrais aulas desse mestre, lamentavam não possuir por escrito todas aquelas discussões e provocações. Edições Vida Nova agora coloca em nossas mãos a riqueza de sua obra que muito vai contribuir para os estudos no campo da teologia.

Embora o texto tenha sido finalizado no período da aposentadoria do prof. Sturz, quando vivia na cidade norte-americana de Aurora, Estado de Colorado, a produção essencial do texto ocorreu praticamente quando ele ministrava suas aulas de teologia sistemática na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Na época em que fui aluno do prof. Sturz, lembro-me de que saíamos estonteados de cada aula depois de concluir que tudo o que sabíamos sobre o tema ministrado era pouca coisa e que devíamos prosseguir mais nas pesquisas. Ele caminhava de um lado para outro na sala de aula, bem ao estilo da Escola Peripatética, iniciando as aulas com uma pergunta sobre o tema e, a partir daí, prosseguia com outras perguntas, induzindo-nos a buscar as respostas necessárias. Previamente a cada aula tínhamos de discutir por escrito o tema respondendo a um questionário que ele mesmo preparava ou tirava do livro *Decide for Yourself: A Theological Workbook*, de Gordon R. Lewis (*Decide tu mismo*, em espanhol). Cada trabalho prévio semanal (cheguei a cursar 3 disciplinas semanais com ele ao mesmo tempo) acabava tomando cerca de 6 a 8 páginas que deveriam ser entregues no início de cada aula. Antes de eu me formar, recebi dele o convite para ser seu monitor, para ajudá-lo na correção dos trabalhos, lançamento e cálculo das notas.

Depois que me formei em 1977 na graduação em teologia, recebi o convite para retornar à faculdade e ser o seu assistente na disciplina. Foi um grande privilégio, mas também um grande desafio. De imediato, ele me passou todas as suas anotações de aulas, que guardo até hoje com muito carinho e saudades. Aliás, esse costume dele em

passar os esboços de aulas para quem lhe pedisse era marcante. Ele não negava para ninguém. Era alguém que entendia que o conhecimento, uma vez desnudado, deve ser de todos. Um tipo de democratização dos resultados de seus esforços e pesquisa.

Outro ponto importante em seu trabalho que nos estimulava muito era “ler as entrelinhas” de cada autor. Não importava apenas o que estava escrito nos livros ou o que os autores falavam, mas por que falavam, por que concluíram o que concluíram. Ele “desmontava” o pensamento de cada autor e ia mostrando o que estava por trás, quais seus pressupostos e condicionamentos. Isso foi tão precioso para mim, que, quando fui dar aulas de “técnicas de exegese” acabei incluindo cerca de dois meses de aulas sobre pressupostos e condicionamentos do exegeta, como preliminares ao curso.

Essa prática que ele nos ensinava exigia que cada um ampliasse o campo de conhecimento, pois não bastava ler a Bíblia, era necessário buscar todo o ferramental de conhecimento auxiliar mais amplo envolvendo filosofia, sociologia, antropologia, etc.

Por esses e outros motivos, penso que esta obra é bem diferente das outras sobre o tema, pois foi produto de uma carreira de produção no “chão” daqueles que desejam aprender com seriedade a Teologia, e não somente isso, mas aprender a pensar, a refletir e a buscar suas próprias conclusões nesse tão complexo campo de estudo.

Não tenho dúvidas de que este texto vai enriquecer muito a sua vida e lhe trazer horas e horas de reflexão e construção sólida de sua fé.

Parque da Água Branca, Perdizes, São Paulo, dezembro de 2011.

Dr. Lourenço Stelio Rega
Diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo



Introdução

Por que outra teologia sistemática?

I. Considerações gerais

Devido à diversidade filosófica e teológica do público-alvo, não serei nem excessivamente sucinto (Tillich), nem particularmente pesado (Brunner) e nem tediosamente longo (Barth). Sem tentar dar respostas a todas as posições que são defendidas em cada assunto, minha proposta é, sobretudo, produzir uma teologia “legível”, que se desenvolva com lógica.

Precisamos de uma teologia que seja ao mesmo tempo reformada e batista. É bem verdade que temos Berkhof (não batista, mas reformado) e Mullins e Dagg (batistas, mas não reformados de fato). Também temos teólogos, como Langston (batista) e Teixeira (presbiteriano) — e até uma edição “crítica” das *Institutas* de Calvino. Cada um deles possui pontos fortes e alguns fracos em suas argumentações. Ainda que eu não seja um defensor dos cinco pontos do calvinismo, minha posição tende mais para a interpretação reformada.

Além da necessidade de uma teologia reformada e batista, precisamos que esta seja mais contextualizada: escrita no contexto brasileiro e para o contexto brasileiro. Nem mesmo Langston (batista do sul que escreveu no Brasil) e Teixeira (presbiteriano brasileiro) atendem a esses critérios, pois não estão preocupados em interagir com a realidade brasileira. Meu desejo, portanto, é ir além da identidade cultural. Espero criar uma ponte entre a teologia tradicional e a cultura brasileira, de modo que seja possível escaparmos do aprisionamento cultural.

Ao mesmo tempo em que há a necessidade de um envolvimento pessoal com o texto bíblico, sob a direção do Espírito Santo, há também a necessidade de estar sempre ciente das armadilhas do subjetivismo. Daí a importância de encontrar o que o texto realmente disse e diz, permitindo que as Escrituras falem para nossa situação presente. Nesse ponto, tenho a tendência de manter uma postura mais objetiva do que subjetiva.

A experiência pessoal do teólogo deve existir, mas de forma contida, a fim de que sua teologia seja mais do que apenas um reflexo das pressuposições culturais da época.

De certa forma, como contraponto à ênfase subjetiva no papel do Espírito Santo, a cristologia é o centro de minha abordagem. Embora eu já tivesse me deparado com essa abordagem na *Dogmática eclesiástica*, de Karl Barth, o que de fato fez com que ela determinasse meu pensamento foi a teologia paulina, que é inteiramente desenvolvida em torno do conceito de estar “em Cristo”. O Evangelho de João, em comparação com o restante do Novo Testamento, é o que mais se aproxima dessa abordagem. Também é evidente que a chave hermenêutica de Lutero para a interpretação das Escrituras é a cristologia. É à luz desse tema central que pretendo tratar os vários temas, tais como: “Trindade”, “conhecimento de Deus” e “cristologia do Espírito”.

Por fim, a sistematização proposta neste livro considera com seriedade a questão das pressuposições. Isso implica tanto a elucidação dessas pressuposições como uma reavaliação constante de cada uma delas no que diz respeito à sua influência nas conclusões provenientes da reflexão teológica. Os quatro fundamentos que servem de base a essa sistematização teológica (e aos quais me limito) são: Escrituras, tradição eclesiástica, experiência pessoal e pressuposições filosóficas. Todos os quatro nos ajudam a encontrar Cristo, mas é o próprio Cristo quem os coloca sob julgamento.

Sei que parece entediante começar com uma longa seção de prolegômenos. Todavia, sem um esclarecimento bem detalhado de cada um desses quatro pilares, o restante do texto não será compreensível. Muitos teólogos pulam essa etapa, deixando de esclarecer aos seus leitores, e até a si mesmos, os fundamentos sobre os quais estão construindo. Quando esse passo é omitido no processo, a própria ideologia do teólogo (seja ela uma adesão consciente ou não) ofusca o testemunho das Escrituras, a tradição e até mesmo a sua própria experiência espiritual.

II. Os pressupostos desta teologia

1. Cristologia

A teologia deve ser edificada sobre *quatro pilares*: as Escrituras, a tradição eclesiástica, a experiência pessoal e as pressuposições filosóficas. Os quatro interagem entre si; e cada um deles, em parte, determina a contribuição que é dada ao outro. A chave que controla o peso argumentativo dos quatro pilares é a *cristologia*, o estudo de Cristo e seu lugar na redenção e revelação.

Se a cristologia não determinar a interpretação dos quatro pilares, a teologia será determinada por um deles, em detrimento da verdade revelada. Os dois mais propensos a assumir o controle são a experiência religiosa e pessoal do teólogo, e sua ideologia. Sem dúvida alguma, é isso que vai acontecer, mesmo que o teólogo afirme que as Escrituras e a tradição da igreja são a base de seu pensamento.

Aliás, a cristologia precisa ser a chave para toda a teologia cristã. Ela é essencial para a compreensão das principais áreas da teologia: Quem é Deus? Qual é a condição humana? Como alguém é salvo? O que é a Igreja? Como a história termina? Cria ou não, todas essas perguntas têm sido estudadas e ensinadas por vias que marginalizam a cristologia.

Quem sacrifica esse ponto essencial corre o risco de colocar o homem no centro de seu pensamento e desenvolver, assim, uma teologia humanista. O homem deve estudar teologia tendo como foco a vontade de Deus revelada em Cristo. Dessa forma, os grandes tópicos da teologia (como a Queda, a paixão de Cristo, a formação do corpo de Cristo) assumem seu devido lugar em relação ao Filho de Deus.

2. Solidariedade social

Se a cristologia nem sempre ocupa o devido lugar como chave da teologia, o conceito bíblico de solidariedade social é com frequência desconsiderado devido à importância dada ao indivíduo e à sua necessidade de um relacionamento pessoal com Deus. Isso se torna ainda mais evidente quando a postura ideológica é a do pós-modernismo. A igreja como comunidade se torna secundária em relação ao indivíduo e às suas necessidades. Aliás, para o pós-moderno, sua comunidade torna-se um mero apoio para confirmar sua verdade individual.

Mas a solidariedade social é a chave para a compreensão da verdade bíblica a respeito da comunidade, seja ela a igreja local, seja ela a sociedade fora da igreja.¹ Quando Deus criou Adão e Eva, o primeiro mandamento foi que desenvolvessem uma cultura que permitisse à raça humana sobreviver e cumprir seus outros mandamentos (Gn 1.28-30). Após a Queda, todas as culturas foram (e são) corrompidas pela natureza pecaminosa da humanidade.

Assim, o homem torna-se homem apenas nos relacionamentos sociais, uma vez que seu desenvolvimento é influenciado pela cultura em que é criado. Esse conceito de solidariedade social nos permite ver como a igreja poderia estar contextualizada em seu meio e, ainda assim, não ficar atrelada à sociedade na qual está inserida. Ao lidar com os homens, o propósito de Deus é torná-los livres, isto é, sujeitos da própria vida. Em outras palavras, o propósito é torná-los capazes de resistir à determinação cultural.

Obviamente, isso só é possível no contexto de uma comunidade cristã, mas, como veremos, isso muitas vezes não passa de uma mera possibilidade. Embora Cristo ordene que nos livremos de ideologias humanas (Rm 12.2), esse alvo raramente é atingido.

3. Natureza e identidade

Apesar de a revelação de Gênesis a Apocalipse ser única, reconhece-se o fato de que esta se desenvolveu, culminando no próprio Senhor Jesus (Hb 1.1-2). Além do

¹ Russell P. Shedd. *A solidariedade da raça*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 194.

problema do desenvolvimento, acrescenta-se a dificuldade de ter sido dada dentro de uma cultura específica. É evidente que a cultura hebraica é bem diferente daquela em que vivemos no terceiro milênio. Assim, quem estuda as Escrituras deve cumprir duas tarefas ao mesmo tempo: separar o cultural do eterno, e depois descobrir como o eterno se aplica especificamente na atual situação cultural.

É a essa diferença entre o *eterno* e o *cultural* que dou o nome de *natureza* e *identidade*. Nesse contexto, *natureza* se refere às *verdades* essenciais da fé, enquanto *identidade* se refere às *formas* que a fé assume em várias culturas. A dificuldade está na frequente confusão que se faz em relação às duas. Um exemplo disso é quando algumas verdades são consideradas fatores meramente culturais, e/ou algumas formas culturais são consideradas essenciais.

A distinção entre natureza e identidade também é crucial para compreender por que a igreja e o cristão ao mesmo tempo são e não são o que foram chamados para ser. Aqui se abre espaço para a discussão de essência *versus* existência, e também para o fato de Deus ser ao mesmo tempo presente e ausente. Além disso, a questão da natureza *versus* identidade envolve a influência abrangente das ideologias e do contexto cultural, bem como a necessidade de a igreja contextualizar-se e, ao mesmo tempo, “alienar-se” ao seu contexto.²

4. A verdade bíblica é dialética

Durante toda a Idade Média, a palavra “dialética” foi empregada no sentido de pensamento racional. Com Hegel, o termo assumiu novo sentido, o de resolução de opostos. Muitos pensam nesse processo como o de unir alguns elementos de ambos os lados e excluir o resto. Para Hegel, porém, o pensamento dialético era unir a *tese* com sua *antítese*, de maneira que ambas permaneçam totalmente inteiras na *síntese*. Como exemplo, ele encontrou a síntese de *ser* e *não ser* em *tornar-se*.

Apesar de a dialética de Hegel não ser um parâmetro para nós, ela pode nos ajudar a vencer uma das dificuldades históricas da teologia: as aparentes contradições nas Escrituras. É fato que, ao longo dos séculos, a maioria das heresias na Igreja surgiu da tentativa de aplicar a lei da não contradição de Aristóteles à revelação bíblica.

Essas heresias brotaram da tentativa de resolver o fato de a Bíblia proclamar que Jesus é plenamente Deus, embora plenamente humano, ou de Deus ser, de algum modo, três, embora seja somente um. Outro problema que tem gerado todo tipo de distorção do texto bíblico é a tentativa de resolver como o homem pode ao mesmo tempo ser predestinado, mas ainda assim ser responsável por seu atos. E há outras: tais como a salvação é eterna, enquanto alguns textos afirmam que é possível perdê-la; Deus revela sua vontade, sendo, porém, quase impossível conhecê-la; etc.

² Stanley Hauerwas; William Willimon. *Resident Aliens*. Nashville: Abingdon Press, 1989, 175 p.

Como a abordagem de Hegel nos ajudaria? Primeiro, é preciso admitir que a revelação das Escrituras foi dada numa cultura diferente, cultura que não analisava a verdade como nós, nos termos do princípio aristotélico da não contradição.³ Pelo contrário, os autores humanos da Bíblia escreveram o que Deus revelou em termos que consideramos contraditórios.

De fato, pode-se dizer que todas as verdades especificamente cristãs são dialéticas. Assim, há um só Deus, *Yahweh*. Mas o Novo Testamento não só revela que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são Deus, como também que há distinções entre eles. Assim, a verdade cristã é dialética no sentido hegeliano de “tanto isso como aquilo” em lugar de “ou isso ou aquilo”, de Aristóteles.

III. Abordagens da teologia

O ponto de partida *cristológico* permite à teologia compreender os papéis desempenhados pelas Escrituras, pela filosofia, pela experiência pessoal do teólogo e pelas tradições da igreja. Isso também põe cada um em seu devido lugar em relação aos outros. Entretanto, uma vez que a própria cristologia de alguém pode ser condicionada pelos quatro pilares, é preciso determinar, como critério máximo, a verdade com respeito a Cristo conforme revelada nas Escrituras. Só dessa maneira a cristologia pode se tornar a chave que destranca os elementos fundamentais da teologia cristã.

Por outro lado, todo o campo da verdade teológica deve ser visto à luz da *experiência brasileira* de Cristo e da igreja. Procuramos fazer isso examinando em especial os papéis desempenhados pelo catolicismo romano, pela teologia da libertação, pelo espiritismo, pelo transcendentalismo, entre outros.

À medida que cada conceito teológico é estudado em suas várias interpretações, eles são desenvolvidos *historicamente*, o que os torna limitados às alternativas concretas que têm recebido crédito nas igrejas. Isso também significa que a teologia é apresentada à luz de uma tradição teológica específica (batista). Não se trata, portanto, de uma tentativa de produzir algo estéril em relação à história eclesiástica posterior ao Novo Testamento. Ao ser apresentada de maneira cronológica [em vez de um tratamento lógico ou em ordem ascendente ou descendente], essa abordagem também evita que a conclusão “correta” se evidencie de imediato.

Foram tantos anos para desenvolver esse assunto que vale à pena torná-lo um material permanente para aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar comigo. Ele contém valor suficiente em si e por si para merecer publicação. Naturalmente, outros terão de estabelecer um juízo de valor nesse quesito.

³ “Uma coisa — considerada sob o mesmo aspecto — não pode ser e não ser ao mesmo tempo” (*Metafísica*, IV, 3).

Prolegôminos

parte I

Por onde começamos?

Ponto de partida: Para fazer uma teologia sistemática, é preciso embarcar numa viagem interminável pelos paradoxos da fé, começando pela autorrevelação de Deus e buscando descobrir tanto o que se deve crer, como o que se deve ser e fazer.

I. O que são os prolegômenos?

Para “fazer” teologia ou pensar em conceitos “teológicos”, é preciso partir de algum ponto. E os *prolegômenos* são exatamente isso. São as *primeiras* palavras. Na realidade, são palavras, conceitos e parâmetros que precisam ser compreendidos antes de iniciarmos qualquer discussão. Começar diretamente pela teologia é o mesmo que entrar em terra de ninguém, onde não há como recorrer a qualquer recurso para remediar erros cometidos. As conclusões alcançadas estariam fundamentadas em premissas obscuras cujas amplas influências não poderiam ser nem compreendidas nem avaliadas.

Por outro lado, todos pensam teologicamente. Quem pergunta “Por que isso aconteceu comigo?” faz uma pergunta teológica. Não menos teológica é a discussão sobre os porquês e para quês do trabalho de alguém. Aliás, todas as perguntas importantes da vida são perguntas teológicas; e, para isso, a pessoa pode ou não usar termos teológicos ou falar de Deus. É por isso que as questões filosóficas mais profundas são as mesmas com que os teólogos se atacam.

O estudo dos itens incluídos nos prolegômenos é, portanto, um pensamento pré-teológico, que limpa o terreno com a finalidade de evitar, na medida do possível, premissas e conclusões falsas — e isso inclui uma análise de pressuposições culturais e ideológicas. Procura-se também, nesse estudo, estabelecer definições que tornem possível comunicar com clareza as ideias subjacentes às afirmações teológicas. As

pressuposições analisadas cabem nas categorias: Escrituras, tradição eclesiástica, experiência pessoal e filosofia.

A parte introdutória desta teologia termina com um estudo sobre o “controle” desses quatro tipos de pressuposições que sustentam a teologia sistemática. O que os controla é o próprio Senhor Jesus. Assim, tanto sua pessoa como sua obra estabelecem, juntas, o peso relativo de cada um dos quatro à medida que o estudante elabora o que é a verdade e a prática cristã. O estudo dos itens desenvolvidos na introdução é longo e árduo. Não são muitos os que desejam labutar nesse estudo, pois preferem lançar-se diretamente ao texto bíblico em busca de respostas simples e claras. Justamente por carecer de uma visão geral da revelação de Cristo (Ap 11), esse tipo de abordagem com frequência resulta em conceitos e práticas heréticas.

Além do problema relativo a definições e pressuposições, há também a questão do modo como *abordamos* a teologia. Paulo nos deu três parâmetros importantes em 2Coríntios 2.17: “Ao contrário de muitos, não negociamos a palavra de Deus visando lucro; antes, em Cristo falamos diante de Deus com sinceridade, como homens enviados por Deus” (NVI). Três frases estabelecem aqui os parâmetros para o pensamento teológico cristão: “em Cristo falamos”, “diante de Deus com sinceridade” e “como homens enviados por Deus”.

Em primeiro lugar, na frase *em Cristo falamos*, há uma dupla referência. A primeira diz respeito à teologia de Paulo, que gira em torno da expressão “em Cristo” e de seus cognatos — esta pode bem ser denominada “um homem em Cristo”, nome bem escolhido por James Stewart como título de seu livro escrito anos atrás: *A Man in Christ* [Um homem em Cristo].¹ A segunda refere-se ao fato de a teologia de Paulo falar de uma perspectiva cristocêntrica, e não apenas de um relacionamento com o Senhor. Tudo é visto a partir de uma perspectiva que irradia de Cristo e para Cristo. Ele é tudo em tudo (Ef 1.23; Cl 1.16,17). Pela ordem das palavras no original, há uma ênfase ao aspecto cristocêntrico: “em Cristo falamos”..

Em segundo lugar, *diante de Deus com sinceridade*. A terrível responsabilidade de se colocar na presença de Deus faz com que a pessoa fique alerta contra leviandades e superficialidades (Hb 10.30,31). É na presença de Deus que fazemos teologia. Somos lembrados da promessa de Jesus: “e eu estou convosco todos os dias” (Mt 28.20). Como se pode falar sabendo que o Senhor ouve toda e qualquer palavra? A necessidade de falar “com sinceridade” assume, portanto, dois importantes aspectos da comunicação: clareza (compreensão da parte do ouvinte) e profundidade (maior aproximação possível da verdade). Paulo reprovou tanto a superficialidade como o uso da teologia para lucro pessoal. Falar de Deus é coisa séria. Não é um jogo para mera diversão.

Por fim, *como homens enviados por Deus*. A fonte é o próprio Deus. Quem fala de Deus precisa ouvir com cuidado o que Deus permitiu que falasse. Quando lemos o

¹ J. S. Stewart. *A Man in Christ*. Londres: Hodder and Stoughton, 1951 [1935], 331 p.

que outros escreveram ou ouvimos o que falam em nome do Senhor, é preciso que a pergunta de Satanás a Eva venha sempre a nossa mente: “Foi assim que Deus disse...?” (Gn 3.1). Deve-se notar que Paulo não limitou a teologia aos “homens”. O que ele escreveu, literalmente, é: “como da parte de Deus”. Toda e qualquer pessoa que fale em nome de Cristo se coloca como “enviada por Deus”.

II. O conceito de “ortopodia”

Antes de começar a fazer teologia, há a questão do escopo. Qual é a abrangência da reflexão teológica? Com frequência, ela é entendida em termos de “verdade revelada”. Defensores do evangelho social e teólogos da libertação, por sua vez, põem de lado a verdade *per se* e colocam a questão da “vida em comunidade” como a substância da teologia. Daí o conflito entre a *ortodoxia* e a *ortopraxia*, entre a verdade para crer e a verdade para viver.

O embate entre ortodoxia e ortopraxia é antigo. Surgiu já no século XII, na famosa controvérsia entre Anselmo e Abelardo. Foi no século XIX, porém, que se desenvolveu de maneira dramática. Ainda que Schleiermacher² tenha iniciado a teologia antropocêntrica no final do século XVIII, foi Albrecht Ritschl (1822-1889) quem modificou profundamente a teologia com sua obra *Justification and Reconciliation* [Justificação e reconciliação].³

Deixando de lado questões relativas à palavra “ortodoxo”, como empregada por Igrejas Ortodoxas Orientais e por posições teológicas específicas, ser *ortodoxo*, em seu sentido mais genérico, é aceitar e crer na verdade revelada do modo como a Igreja a tem compreendido desde os primeiros séculos. Aqui, “Igreja”, evidentemente, se refere à Igreja Católica Romana. Quem não acredita ou não ensina o que a Igreja sempre ensinou é considerado *heterodoxo*. É fácil entender os conceitos, difícil é alguém se considerar heterodoxo. Certamente Lutero não se considerava heterodoxo, embora a hierarquia da Igreja certamente o considerasse. A igreja primitiva literalmente gastou séculos definindo a verdade em concílios ecumênicos e rotulando de hereges (heterodoxos) aqueles que não aceitavam suas definições.

É óbvio que a *ortodoxia* é muito mais que uma questão de tradição. É uma questão de verdade *versus* erro. Ora, é certo que a verdade é importante e deve ser defendida. Os problemas de Paulo surgiram, pelo menos em parte, porque ele defendia a verdade contra todos os intrusos (e.g., At 24.1-6; Romanos e Gálatas *in passim*). Nestes dias em que todas as verdades ditas são consideradas pelo menos relativas, se não

² F. D. E. Schleiermacher. *On Religion: addresses in response to its cultured critics*. Richmond: John Knox Press, 1969 [1799], 383 p.

³ Albrecht Ritschl. *Critical History of the Doctrine of Justification and Reconciliation* (1872). Apenas este, que é o primeiro volume de sua obra em três volumes, *Justification and Reconciliation* [1870-1874] foi traduzido para o inglês.

meramente pessoais, o problema é verificar a verdade de Deus, sem cair no erro de definir a verdade com base na tradição ou em nosso próprio entendimento daquilo que achamos que ela seja.

A *ortopraxia* é introduzida ao vocabulário teológico pelos ativistas que consideram que a tarefa que têm em mãos segue orientação “social”, em oposição à “intelectual”. De acordo com eles, é a *práxis* da comunidade, e não as conclusões de biblicistas e teólogos acadêmicos, que deve guiar a Igreja. Embora o termo “ortopraxia” seja relativamente recente e tenha ganhado destaque nos escritos dos teólogos da libertação, o conceito certamente é tão antigo quanto o evangelho social e remonta ao século XIX.

Em geral, ativistas demonstram pouco interesse em formulações da verdade. Eles são bem ecumênicos em seus relacionamentos, considerando uma abordagem ética e política em comum muito mais importante que as doutrinas de suas respectivas igrejas. Muitos, aliás, concluíram que o poder para mudar se situa no âmbito da política, e não no da religião. Dessa forma, o engajamento social deles dirige sua teologia e limita a extensão de seu pensamento quase que exclusivamente a questões éticas e políticas.⁴

Como ir além do aparente impasse entre a ortodoxia e a ortopraxia? Enio Mueller, quando discutíamos a tradução da Bíblia NVI, sugeriu que a *ortopodia* poderia fechar a lacuna entre essas duas abordagens. Ela aparece como verbo em Gálatas 2.14. Se a primeira das duas se refere à doutrina correta e a segunda à ação (social) correta, a ortopodia pode ajudar as duas a manter uma relação correta.

O termo *orthopodeo* é composto de duas palavras: *orthos*, que significa “reto”, “direito” e, portanto, figuradamente, “correto” ou “verdadeiro”; e *podeo*, que vem da palavra “pé” (*podeo*). Juntas, elas significam andar [agir] corretamente. H. Preisker entende que o verbo significa “ficar ereto”, “não oscilar nem tombar”, e prossegue dizendo que seu uso em Gl 2.14 implica o novo relacionamento com Deus e a conduta envolvida nesse relacionamento.⁵

O contexto de Gálatas 2 refere-se ao momento em que Pedro se recusou a comer com os gentios quando os da parte de Tiago chegaram a Antioquia (v. 11-13). Todos os cristãos judeus, inclusive Barnabé, também tiveram a mesma atitude. Paulo acusou Pedro e aqueles que o seguiram diante de toda a igreja, afirmando que eles “não estavam andando [*orthopodousin*] de acordo com a verdade do evangelho.” O incidente implica os dois aspectos de nossa discussão: a questão da verdade e a questão da ética (maneira de viver naquilo que afeta os outros no corpo). Paulo considerou a ação de Pedro condenável por causa das implicações teológicas daquilo que ele tinha feito (v. 4-18). Conclusão: não há meio de separar a fé ortodoxa da vida ortoprática.

O papel dos pés no controle divino sobre a vida é eminentemente forte no Novo Testamento. Aliás, a palavra *podé* ocorre 93 vezes no Novo Testamento. O conceito

⁴ Cf. Gerald West. *The Academy of the Poor*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, 182 p.

⁵ Gerhard Kittle; Gerhard Friedrich. *Theological Dictionary of the NT*, condensado em um volume por G. W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1985, p. 727-728.

de “andar” (*peripateo*) como indicação da maneira de viver de uma pessoa é também bem comum (95 vezes no Novo Testamento). Paulo admoestava constantemente o leitor: “andemos nós também em novidade de vida” (Rm 6.4); “não andamos segundo a carne” (Rm 8.4); ou “como são belos os pés dos que anunciam coisas boas!” (Rm 10.15). A ortopodia reflete de maneira adequada esse andar correto, essa maneira de viver que glorifica a Deus. E faz isso bem melhor do que qualquer uma das outras duas: a ortodoxia ou a ortopraxia.

Há mais dois exemplos de entrelaçamento da fé com a prática, algo que é visto com frequência no Novo Testamento. O primeiro se encontra na Epístola de Tiago, em que se observa o entrelaçamento da fé com as obras de tal modo que uma não existe sem a outra. O segundo exemplo, registrado em 1João, mostra a forte ligação entre o amor ao irmão e a fé em Cristo, de tal modo que Jose Miranda em seu livro *Being and the Messiah* [O ser e o Messias] tenta identificar os dois como a mesma coisa.⁶ Embora não sejam a mesma coisa, é evidente que não podem ser separados. Ambos são provas de que a pessoa pertence à família de Deus (1Jo 4.15,16).

A fé correta (ortodoxia) acompanha a ação correta (ortopraxia). Juntas formam a ortopodia que é, ao mesmo tempo, a doutrina correta e a prática correta em toda a dimensão da experiência humana. Ela engloba cada aspecto do caminhar cristão, cobre o homem como indivíduo e o retrata tanto na comunidade cristã como na sociedade secular. Uma vez que se pode afirmar que a interpretação das Escrituras é incompleta sem uma aplicação às situações da vida, pode-se igualmente afirmar que a ortopraxia sem um mandato firme das Escrituras é também incompleta.

É preciso ter cuidado para que a interpretação da verdade não seja reduzida a um mero trampolim para o ativismo. A verdade dada por Deus é muito mais que mera ética. É, acima de tudo, toda a revelação de Deus e de sua atividade criadora/redentora. Como tal, a revelação se mantém por si. É verdade que é dada ao homem para que este responda a ela, mas sua verdade se mantém, quer o homem (ou a Igreja) ponha os pés na revelação, quer não. Tendo afirmado a autonomia da revelação, é preciso pressa em acrescentar que a palavra profética de Deus exige uma resposta humana. Sozinho, o entendimento nunca é suficiente. Observe o contraste que Jesus mesmo fez entre entendimento e obediência em Mateus 7.24-27.

A ortopodia, portanto, é a tentativa de “andar corretamente”. É a tentativa de unir a verdade revelada à ação cristã. É a tradução, em termos contextuais, das demandas da verdade que foi revelada “de uma vez por todas” (Jd 3). A revelação da pessoa e da atividade de Deus forma o fundamento para todas as exigências éticas que nos são feitas. A ortopraxia deve basear-se num entendimento ortodoxo da revelação nas Escrituras. Foi nesse ponto que a teologia da libertação se desviou, passando a ensinar que a prática da comunidade (i.e. dos pobres e oprimidos) é o fundamento da

⁶ Jose Miranda. *Being and the Messiah*. Maryknoll: Orbis, 1977, 245 p.

teologia. Perdeu-se tanto ao tornar relativas as Escrituras como em tornar absolutos os conceitos e ideais da natureza humana decaída.

III. Conformados à imagem de Cristo

O propósito da teologia cristã é produzir ortopodia cristã. Paulo declarou esse propósito da seguinte maneira: “os que conheceu por antecipação, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29). Em outra ocasião, Paulo considerou esse mesmo propósito para nossa predestinação por meio de Jesus Cristo da seguinte maneira: “para o louvor da glória da sua graça” (Ef 1.4-6). O resultado, porém, nem sempre é o desejado. O próprio Paulo descobriu que suas igrejas tinham a tendência de se afastar de seu ensino. Aos gálatas, Paulo escreveu que sofria dores de parto de novo por eles: “até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4.19).

Nas passagens citadas, os pronomes usados estão no plural. Assim, é o corpo de crentes como comunidade que se conforma à sua imagem. É também a igreja como igreja que traz louvor à glória da sua graça. O crente como indivíduo participa desse propósito divino na medida em que é membro participante e se conforma à comunidade.

Hauerwas e Willimon defendem com veemência a ideia de que a igreja é composta por “estrangeiros residentes”. Dessa forma, entendem que a cultura do povo evangelizado deve ser praticamente intocada, o que mina profundamente o argumento do crescimento da Igreja. Contextualizar o evangelho seria, portanto, perder num só lance todo o conceito de a igreja ser composta por membros cuja cidadania está no céu (Fp 3.20). De acordo com esses autores, “a igreja, como os chamados por Deus, incorpora uma alternativa social que o mundo em seus próprios termos não pode conhecer.” É o declínio da antiga síntese de Constantino que permite que ser cristão hoje seja uma aventura empolgante.⁷

Eles insistem que a igreja é uma colônia de aventuras numa sociedade de incredulidade.⁸ Essa moldagem dos indivíduos e da comunidade não pode ocorrer por um mero ato de levar pessoas desesperadas a uma decisão por Cristo, deixando-as depois imersas no contexto em que foram criadas. Elas precisam ser transformadas em “estrangeiros residentes” pela imersão na cultura dessa comunidade anticultural. O novo nascimento é apenas o início do desenvolvimento que transforma esse recém-nascido num filho de Deus, conformado à imagem de Jesus Cristo. Sem participação na comunidade de “estrangeiros residentes”, essa transformação não ocorre.

Tim Stafford insiste corretamente que a implicação prática desse conceito é que o único lugar para buscar um conhecimento de Jesus é a igreja. Sua verdadeira identidade está atada à sua família (Mt 12.49,50). A tese dele é: “Jesus já nos tocou de maneira bem pessoal por meio dos cristãos que nos levaram à sua família.” Ele acrescenta que,

⁷ Stanley Hauerwas; William Willimon. *Resident Aliens*. Nashville: Abingdon, 1989, p. 18.

⁸ *Ibid.*, p. 49.

“por meio deles, absorvemos um pouco de Jesus”. “Jesus é a fonte viva da vida familiar de nossa igreja e nossa vida [...] Assim nos tornamos seus instrumentos de amor uns para com os outros.” Ele conclui corretamente que nosso relacionamento com Deus se faz por meio de Jesus, e nosso relacionamento com Jesus, por meio de seu corpo.⁹

IV. Como a igreja leva seus membros a ter a mente de Cristo?

A mente de Cristo é criada e nutrida na comunidade pela pregação da Palavra de Deus. Nesse sentido, a proposta de Barth sobre a Palavra de Deus em sua tríplice forma é útil. *Primeiro*, é a “Palavra pregada”, quando o Deus do Evangelho encontra na pregação o espelho e o eco da Palavra bíblica. *Segundo*, são as Escrituras que incorporam o testemunho dos profetas do Antigo Testamento e dos apóstolos do Novo Testamento à Palavra falada no ato redentor de Jesus Cristo. *Terceiro*, é o próprio Jesus Cristo, como a expressão final da mensagem divina.¹⁰

1. Conforme à sua imagem

Como, pois, nos conformamos individualmente à sua imagem? Muitas vezes, a resposta dada é simplesmente “pela leitura da Bíblia e pela oração”. Mas essa resposta simplista desconsidera a tríplice forma da Palavra, de Barth, e nada diz do elemento principal que torna a Bíblia e a oração instrumentos efetivos para nos conformar à imagem de seu Filho que, por sua vez, é a imagem do próprio Deus (Cl 1.15). Vemos esses dois passos, começando pela leitura da Bíblia.

Primeiro passo. O novo crente deve aprender a ler a Bíblia de maneira cristocêntrica. Se ele a ler como um livro comum, perderá a chave da Palavra. Se ler o texto como um meio mágico de obter uma mensagem de Deus, facilmente se desviará da verdade. Se a ler de maneira crítica, usando apenas a abordagem histórico-gramatical para captar a revelação, terminará com um Antigo Testamento judaico, e não com um testamento cristão. Como então poderia aprender a ler a Bíblia inteira de maneira cristocêntrica? Aprendendo a lê-la na Igreja. Aliás, é só como um participante ativo no corpo de Cristo que ele descobre o Senhor Jesus nas Escrituras.

Segundo passo. O recém-convertido deve aprender a orar. É evidente que qualquer um ora, especialmente quando estão em situação desesperadora. Mas esse tipo de oração difere da oração cristã. Nosso Senhor indicou a seus discípulos que eles deviam orar “em seu nome” (Jo 16.23,24). Com isso, ele disse que eles e nós devemos orar como ele oraria. Como alguém pode aprender a orar desse modo? Só participando da vida de oração da comunidade. Quando o povo de Deus ora, o novo crente aprende a orar como Jesus orou.

⁹ Tim Stafford. *Knowing the Face of God*. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 156-159.

¹⁰ Karl Barth. “Doctrine of the Word of God”, em *Church Dogmatics* (vol.1). Edinburgh: T. & T. Clark, 1960 [1936], p. 99-131.

2. A igreja: contextualizada ou instituição estrangeira?

Há uma desvantagem em a igreja ser um meio pelo qual seus membros são levados à conformidade com Cristo. Quando se considera que a igreja é uma instituição humana e também divina, ela muitas vezes falha em ser uma instituição “estrangeira”. Por um lado, ela muitas vezes tende a espelhar a sociedade em que está inserida. Quando isso ocorre, ela perde seu testemunho e seus membros são essencialmente indistintos do mundo em que vivem (Rm 12.2).

Por outro lado, sua própria humanidade tende a acentuar uma conformidade com maneiras e condutas superficiais que não têm relação real com a vida espiritual de cidadãos do céu. Seu suposto valor consiste na naturalidade com que o estilo de vida deles pode ser avaliado. Tanto em um caso como no outro, esse tipo de igreja tende a deformar o crente, em vez de transformá-lo à imagem de Cristo. Compare, por exemplo, a forma do cristianismo latino-americano, que foi imposta por padres espanhóis e portugueses no início do século XVI. Essa forma continua até hoje, mais de 500 anos depois.

Uma outra forma desse problema é a tendência de ser parcial, dando grande ênfase à doutrina ou ao comportamento ético. Pela Grande Comissão, fica evidente que ambos são exigências de Cristo. Os apóstolos deviam ensinar tudo o que Cristo havia ordenado (conteúdo) e levar seus discípulos à obediência (ética) a essas ordens (Mt 28.20).

O *corpus* Paulino nos mostra como as igrejas do primeiro século falharam em muitos aspectos na missão de levar seus membros à conformidade com a mente de Cristo. Foi aos cristãos gálatas que Paulo escreveu que Cristo precisava ser formado neles (Gl 4.19). A situação desses crentes era tão precária que Paulo escreveu que estava perplexo com eles (v. 20)!

Apesar das dificuldades acima, não temos alternativa. É dentro da igreja e por meio dela que o cristão é gerado no crente recém-nascido. Agostinho certamente tinha razão quando afirmou que “não há salvação fora da igreja” (*extra ecclesia nullus salus*).

Prepare-se para ler uma obra impressionante, escrita por alguém que uniu o estudo profundo da teologia sistemática a uma ardente paixão pela missão da igreja!

A teologia evangélica sempre buscou o equilíbrio entre quatro fundamentos essenciais: as Sagradas Escrituras, a tradição cristã, a experiência pessoal e os pressupostos filosóficos. Qualquer teologia que pretenda apresentar sistematicamente o Evangelho precisa trabalhar com esses quatro fundamentos. Mas isso só é possível quando há um critério capaz de determinar a importância e o lugar de cada um deles.

A tese do prof. Sturz é a de que Cristo deve ser o critério que determina as Sagradas Escrituras como fundamento principal. Assim, a tradição, a experiência e a filosofia devem se submeter à palavra de Deus. Submeter-se, porém, não é o mesmo que se anular. Pelo contrário, para Sturz, somente quando a Bíblia se torna a autoridade máxima, a tradição, a experiência e a filosofia ganham o seu devido valor.

Além disso, é essencial que a teologia evangélica saiba lidar com as questões de seu tempo e contexto. Sendo assim, uma das preocupações cruciais desta obra é o tema da solidariedade social, vista pelo autor como chave para compreendermos a verdade bíblica a respeito da igreja local e da sociedade em que ela está inserida. Nesse aspecto o confronto com a teologia da libertação é inevitável.

As cartas são colocadas na mesa desde o início. Aliás, essa é mais uma das virtudes da obra do prof. Sturz. Ao longo do texto, o leitor é informado sobre cada passo, cada pressuposto. Dessa forma, a compreensão se torna mais fácil e, ao mesmo tempo, desafiadora.

Richard Julius Sturz

(1924-2009) bacharel em Artes pelo Westmont College, em Santa Barbara, Califórnia; mestre em Divindades pelo Eastern Baptist Theological Seminary, na cidade de Philadelphia; mestre em Teologia pelo Fuller Theological Seminary, em Pasadena, Califórnia. Em 1994, recebeu o título de doutor em Divindades pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo.


VIDA NOVA
www.vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0500-0



9 788527 505000